

Quem lucra com o aquecimento global?

4 de Abril, 2014 - 12:07h

O novo livro "Windfall", do jornalista Mckenzie Funk, explica como a catástrofe climática "não será uma catástrofe para todos", e mostra como há quem lucre, e muito, com as alterações climáticas no planeta, enquanto aumenta o número de refugiados do clima. Artigo de Bary Olson, publicado no portal Outras Palavras.

Uma manchete recente da Agência Bloomberg alerta: "Lucre com o Aquecimento Global ou fique para trás?". No seu novo livro, *Windfall* ["Sorte Grande", ou "Vento a Favor", em tradução livre] (Nova York, Penguin, 2014), o jornalista veterano Mckenzie Funk relata como viajou pelo mundo por seis anos, para traçar o perfil das "centenas de pessoas que perceberam que as alterações climáticas iriam enriquecê-las".

Numa investigação à parte, Funk realça que "em Wall Street, já não há um grande número de pessoas que neguem as alterações climáticas". Quase sempre indiferentes às causas do fenómeno, os seus entrevistados tomaram a decisão de não investir em tecnologias limpas, por verem em tal gesto perda de dinheiro. Em vez disso, "quanto mais aquecido o mundo, quanto menos habitável ele se tornar, mais forte o vento a favor".

Em 2008, a Shell desenvolveu dois cenários sofisticados de riscos relacionados ao clima. Denominou-os *Blueprints* ["Perspectivas"] e *Scramble* ["Escalada Acidentada"]. O primeiro projetava um futuro mais limpo, ao passo que o segundo previa "devido a paralisia dos governos" um futuro de secas, inundações, ondas de calor e supertempestades. Por volta de 2012, os executivos da empresa confidenciaram a Funk: "Entramos no cenário *scramble*. É este o tipo de mundo em que viveremos. É ele que nos orienta". Outro executivo da Shell afirmou: "Serei um dos que brindará a chegada de um verão sem fim no Alaska".

A mensagem do autor é que, no curto prazo, haverá vencedores e perdedores definitivos, porque a catástrofe ecológica "não é, necessariamente, uma catástrofe financeira para todos". E enquanto os leitores deste site poderão evitar, por algum tempo, as piores consequências do aquecimento global, um bilhão de outros seres humanos não serão poupados.

Neste período de transição, a frase "uma maré em alta levanta todos os barcos" será mais que uma metáfora:

> Muitas pessoas veem a água como uma necessidade e um direito humano básico. Mas os consultores de investimentos e seus bem-aventurados clientes enxergam o recurso como "ouro azul", ou "o petróleo do novo século", cujo valor como ativo irá superar todas as outras *commodities* físicas. O dinheiro está a correr para o "hidrocomércio", inclusive para os

fundos financeiros que negociam ?direitos sobre a água? e ?ativos de água?.

> A Arcadis, uma empresa holandesa de engenharia que oferece proteção contra enchentes afirma que a sua faturação cresceu 26% em 2013. Por 8 mil milhões de dólares, eles prometem murar Manhattan de um furacão como o Sandy.

> Os bombeiros privados da seguradora AIG estão a postos para proteger as propriedades dos ricos, nos subúrbios de Los Angeles, com novíssimas tecnologias. Enquanto isso, os cidadãos menos abonados verão as suas casas reduzidas a cinzas.

> Barney Schaulbe, executivo da Nephia, um enorme fundo de *hedge*, está convencido de que ?um clima mais volátil provoca mais riscos e mais apetites para proteção contra os ricos?. Daí vem, ele explica, a introdução de algo chamado ?derivativos do clima?.

> Um investidor com base em Londres está a colocar dinheiro em propriedades rurais na Rússia e em redes globais de supermercado porque as secas, incêndios, desertificação e enchentes relacionadas às alterações climáticas irão afetar negativamente as colheitas. E, como diz outro analista, ?as pessoas sempre estarão dispostas a pagar para comer?.

> Um gestor de fundos, interessado em empresas de seguros, disse a Funk, confiante, que as enchentes causadas pelas alterações climáticas tornarão este tipo de proteção mais caro. Por isso, ?a estação de furacões é, de facto, algo muito positivo?.

> Embora o facto não seja mencionado no livro, o senador norte-americano James Inhofe, do Partido Republicano, quer direccionar ainda mais dinheiro para Wall Street, através de ?contas de socorro a desastres?. Graças a delas, famílias ricas poderão receber até 5 mil dólares de redução de impostos, para investir na mitigação de eventos climáticos extremos. Ampliando os limites de sua audácia política, Inhofe escreveu há pouco *O grande boato*, um livro segundo o qual o aquecimento global é uma conspiração gigante, criada para estimular as regulações estatais.

> Um mundo mais aquecido significa a expansão de doenças como a dengue, para além das zonas tropicais. A solução? A empresa britânica Oxitec prevê que um remédio patenteado, para conter a doença transmitida pelo mosquito, é uma máquina segura de fazer dinheiro.

> A elevação do nível dos mares faz do Bangladesh uma espécie de ?marco zero? para as alterações climáticas. A resposta da Índia é uma barreira elétrica de 3300 quilómetros, a ?cerca da vergonha?, erguida para impedir que cerca de 25 milhões de refugiados climáticos de Bangladesh cruzem a fronteira, quando um quinto de seu país ficar sob as águas.

> Prevejo que Centros de Finanças Ambientais, de nível académico, revejam o enfoque atual, ligado à proteção ambiental, para posicionar vantajosamente estudantes dispostos a enxergar as vantagens da crescente crise ecológica.

Curiosamente, Funk procura não julgar as pessoas que entrevista. Prefere vê-las como gente de bem, ?em sintonia com seu próprio sistema de crenças?, que agem para preservar seu auto-interesse. Ele concede: ?Não podemos esperar que o capitalismo reveja nada disso?. Mas afirma que ?não há nada de fundamentalmente errado em tirar proveito do desastre" e lamenta que os leitores possam, de modo injusto, transformar os homens de negócio em vilões.

Num sentido estrito, ele está correto. A responsabilidade essencial é do sistema e de sua

lógica interna fatalmente fracassada. Qualquer executivo-chefe que introduzisse em suas decisões considerações sobre justiça climática seria rapidamente substituído por alguém mais em sintonia com a pressão para produzir sempre por menos.

Num artigo anterior, caracterizei muitos dos que estão verdadeiramente preocupados com o futuro do planeta como ?negacionistas do capitalismo?. Eles ainda não estão dispostos a perceber que a responsabilidade pela degradação ambiental repousa no nosso sistema de crescimento e lucro a qualquer custo. Os defensores do sistema existem dentro e fora dos Estados e nunca serão a solução.

Todos os outros podemos chegar às conclusões óbvias e agir de acordo com elas, dentro da limitada e frágil janela de tempo que ainda existe.

■

Por Bary Olson, no *Common Dreams* / Tradução: Antonio Martins. Publicado no portal Outras Palavras ^[1]

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

URL de origem: <http://www.esquerda.net/artigo/quem-lucra-com-o-aquecimento-global/32050?page=0>

Ligações:

[1] <http://outraspalavras.net/>